
ANTECEDENTES DA VIOLÊNCIA EM CRIANÇAS DA GRANDE LISBOA: EVIDÊNCIAS DE UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

43

Carlos Barracho
Gustave-Nicholas Fisher
José-António Carochinho
Sónia Seixas
António Ponces de Carvalho
Escola Superior de Educação João de Deus

Introdução

Nas últimas duas décadas tem-se realçado um fenómeno que alastra nas nossas escolas: é um facto inegável a crescente ocorrência de episódios de violência entre pares em contexto escolar. Assumindo progressivamente contornos mais problemáticos, surge a necessidade, por parte de diversos profissionais, de alcançar um conhecimento mais aprofundado do fenómeno, da sua incidência, de factores de risco associados, bem como de estratégias de intervenção.

A clarificação e caracterização do conceito de violência escolar tem sido difícil de alcançar, uma vez que frequentemente é entendido como um fenómeno abrangente e alargado que remete para domínios diversificados. Confrontando-se com tais dificuldades, a pesquisa realizada no âmbito da violência escolar que se tem debruçado especificamente sobre o maltrato que ocorre repetidamente entre crianças na instituição escolar, denomina-se "provocação" ("bullying").

Provocação (Bullying) - caracterização conceptual

O conceito de provocação refere-se a situações de maltrato, físico ou psicológico, entre os pares, de carácter repetitivo e sistemático, sendo,

Carlos Barracho
Gustave-Nicholas Fisher
José-António Carochinho
Sónia Seixas
António Ponces de Carvalho

44

geralmente, as vítimas são mais fracas ou mais novas que os agressores (Byrne, 1994; Vale e Costa, 1998).

Trata-se de acções negativas intencionalmente infligidas a terceiros com o intuito de magoar ou causar desconforto, podendo as mesmas ser de natureza directa ou indirecta, verbais, físicas, de manipulação social ou de ataques à propriedade (Borg, 1999; Mynard e Joseph, 2000).

Como em vários outros fenómenos no âmbito da Psicologia, não existe um consenso universal quanto à definição de bullying. Não obstante, a definição proposta por Olweus tem sido a mais frequentemente adoptada por inúmeros outros investigadores nos seus trabalhos sobre o fenómeno:

"A student is being bullied or victimised when he or she is exposed repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more other students... it is a negative action when someone intentionally inflicts, or attempts to inflict, injury or discomfort upon another... negative actions can be carried out by words (verbally), for instance, by threatening, taunting, teasing, and calling names. It is a negative action when somebody hits, pushes, kicks, pinches or restrains another - by physical contact." (1993, 9, cit. Borg 1999)

Nesta concepção sobressai a existência de diferentes tipos de comportamentos no seio do bullying, o que nos remete para a multiplicidade de formas de agressão que podem existir entre os pares.

Um outro nível de análise refere-se às repercussões que advêm da vivência dos alunos, seja como agressores, seja como vítimas, de situações de bullying. Consequências emocionais, escolares e sociais, têm sido sistematicamente identificadas por inúmeros autores, com particular atenção dedicada às repercussões ao nível da saúde, onde se denota um elevado risco de manifestar índices inferiores de saúde mental e/ou física (Bond et al. 2001).

Os alunos agressores encontram-se mais frequentemente em risco de desenvolverem na adolescência comportamentos delinquentes, níveis significativos de criminalidade e elevado consumo de

Antecedentes da Violência em Crianças da Grande Lisboa: Evidências de um Estudo Exploratório

substâncias aditivas (Foreiro et al. 1999, Berthold e Hoover 2000, Veiga 2000, Matos e Carvalhosa 2001). Ao nível do bem estar emocional, os níveis de ansiedade e depressão, assim como sentimentos de tristeza e solidão, surgem mais frequentemente associados aos alunos victimizados (Boulton e Underwood 1992, Rigby 1998, Salmon et al. 1998, Foreiro et al. 1999).

45

Objectivos

Neste âmbito, desenvolvemos um projecto de investigação, que se debruça sobre o estudo da relação entre a violência escolar e a saúde dos jovens. Procura-se igualmente analisar o papel desempenhado pelo contexto familiar nos comportamentos de violência dos jovens. À presente data, o projecto encontra-se numa fase meramente exploratória em que se procuram adaptar e validar os instrumentos, tendo em vista a sua utilização futura numa amostra mais alargada de crianças. Cumulativamente pretende-se identificar as variáveis que poderão ser consideradas como eventuais antecedentes dos comportamentos violentos das crianças. O trabalho agora apresentado remete-nos para o estudo de adaptação e validação da escala de condutas agressivas do Child Behavior Checklist (CBCL) de Achenbach (1991) e dos estudos exploratórios efectuados.

Método

Sujeitos

Participaram neste estudo exploratório 197 crianças oriundas de zonas contíguas à cidade de Lisboa. Destas, 114 são do sexo masculino (57,9%) e 83 do sexo feminino (42,1%) possuindo uma média etária de 13,89 anos (D.P.=1.17), com um mínimo de 12 e um máximo de 17 anos.

Estas crianças residem e frequentam estabelecimentos de ensino dos arredores de Lisboa (do 2º e 3º ciclo), nomeadamente 117 da margem sul do Tejo (59,4%) e 80 da linha de Sintra (40,6%). A esmagadora maioria destas crianças frequenta o 7º e o 8º ano de escolaridade

(87,8%).

No que respeita à nacionalidade dos progenitores depreende-se a existência de 2 grupos de sujeitos: por um lado, um grupo maioritário de crianças cujos pais possuem nacionalidade portuguesa (145), por outro um grupo minoritário em que os progenitores são oriundos dos PALOP (45).

Considerando a profissão dos pais, constatámos a existência de uma grande variedade de profissões que procurámos agrupar segundo a classificação nacional das profissões, fornecida pelo IIEFP (1994), sendo estas reagrupadas em três grandes conjuntos. Deste modo, um primeiro grupo de pais cuja profissão se insere numa classificação de quadros superiores, profissões intelectuais e técnicos de nível intermédio (22 pais e 17 mães); um segundo grupo referente a pessoal administrativo, serviços, agricultura e pescas (58 pais e 77 mães); e, um terceiro grupo respeitante a operários, trabalhadores não qualificados e domésticas e desempregados (84 pais e 88 mães). Houve uma percentagem considerável de ausência de respostas ou afirmações de desconhecimento acerca da profissão dos progenitores (33 respostas para os pais e 15 para as mães)

Instrumento

A recolha de informação foi efectuada mediante utilização de um questionário com a escala de condutas agressivas do Child Behavior Checklist (CBCL) de Achenbach (1991) e um conjunto de questões de caracterização sócio-demográfica. A escala de comportamentos agressivos do CBCL de Achenbach é constituída por 25 afirmações relativas a diversos comportamentos que manifestam diferentes formas de agressividade. Todas as afirmações são pontuadas mediante quatro opções de resposta, em que, para além do "não sei" existem ainda três opções num continuum de concordância (discordo totalmente, não concordo nem discordo e concordo totalmente).

Procedimento

Os questionários foram aplicados durante os meses de Março e Abril de 2002 em escolas situadas nos arredores de Lisboa, quer a norte de

Lisboa (Linha de Sintra), quer a sul do Tejo. A aplicação do questionário recaiu sobre os alunos considerados pelos professores como sendo os mais agressivos e foi precedida de uma autorização dos conselhos directivos respectivos. Para os respondentes, apresentava-se com carácter voluntário e anónimo.

Resultados

Estudo Psicométrico da escala

O estudo psicométrico efectuado revela-nos que a escala é detentora de consideráveis características psicométricas. Em termos de validade factorial obtivemos uma estrutura tri-factorial que explica 35,52% da variabilidade dos resultados. Os três factores identificados (afirmação/rebelião, agressividade e instabilidade comportamental) têm pesos práticos consideráveis e explicam 13,43%, 11,70% e 10,38% da variância dos resultados.

Em termos de consistência interna, o valor do coeficiente alfa de Cronbach global da escala situou-se nos 0,84. Relativamente aos factores os valores obtidos apresentaram-se ligeiramente inferiores 0,75, 0,72 e 0,62 respectivamente.

Estudos diferenciais

Tendo por base o conjunto de variáveis sócio-demográficas referenciadas (sexo, idade, ano de escolaridade, localização geográfica da residência, número de irmãos e nacionalidade dos pais), procurámos efectuar todo um conjunto de estudos diferenciais com vista à identificação das variáveis que possam permitir discriminar as crianças em função da sua agressividade. Apenas aqui referiremos as variáveis onde se encontraram diferenças relevantes e significativas.

O sexo da criança demonstrou aparentemente não ser discriminador dos comportamentos violentos, isto quando avaliados pela média do somatório dos itens da escala de Achenbach. Contudo, incentivados pelas conclusões dos trabalhos de Arboleda (2000) que refere o sexo como uma das variáveis preditoras, das condutas agressivas nas crianças, procurámos efectuar um estudo mais pormenorizado recaindo

a nossa atenção no estudo das diferenças de médias dos diferentes itens que compõem a escala de comportamentos agressivos de Achenbach. Os resultados revelar-se-iam como significativos, existindo indícios claros nas raparigas de uma internalização da agressividade, associada à necessidade de auto-affirmação (sobretudo face à família); enquanto que nos rapazes emergem indícios de uma externalização, direccionando os comportamentos agressivos para o exterior (gostar de dar nas vistas).

Ao nível do ano de escolaridade, verificou-se a existência de diferenças significativas ao nível da instabilidade comportamental. As crianças que frequentam o 8º e 9º ano de escolaridade apresentam uma maior instabilidade comportamental que as que frequentam níveis de escolaridade inferior.

A variável localização geográfica da residência mostrou-se discriminadora dos comportamentos violentos. As crianças da linha de Sintra apresentam valores significativamente superiores na escala de comportamentos agressivos relativamente às crianças da margem Sul do Tejo.

No que respeita à nacionalidade dos progenitores, a maior evidência a realçar é a de que as crianças cujo pai é de outra nacionalidade que não a portuguesa apresentam comportamentos mais violentos que as crianças de pai português.

No que se refere à profissão dos pais, os resultados demonstram que considerando a profissão da mãe não se encontram quaisquer diferenças significativas em nenhuma das dimensões consideradas. O mesmo não acontece quando se considera a profissão do pai. Neste último caso verificam-se diferenças significativas no nível da agressividade em função dos grupos profissionais do pai, em que o terceiro grupo (operários, trabalhadores não qualificados e desempregados) apresenta valores significativamente superiores ao primeiro grupo (quadros superiores, profissões intelectuais e técnicos de nível intermédio).

Estes resultados levam-nos a inferir que a profissão do pai parece ter alguma relação com as condutas agressivas das crianças, contrariamente à profissão da mãe. Quanto menos qualificada é a profissão do pai, maior tende a ser a agressividade na criança.

Conclusões

O presente trabalho mostrou-se profícuo a diversos níveis de análise. A nível metodológico, a escala utilizada revelou-se detentora de consideráveis propriedades psicométricas. O estudo da sua validade factorial vem legitimar a sua utilização independente do modelo que suportou a sua génese.

Ao nível das variáveis que antecedem a conduta violenta dos jovens, este estudo produziu algumas evidências que nos remetem para o desenraizamento sócio-cultural dos jovens residentes nos subúrbios dos grandes centros urbanos. O estudo comparativo de duas zonas consideradas sub-urbanas de Lisboa (margem Sul do Tejo e Linha de Sintra) revelou serem os jovens residentes na linha de Sintra a apresentarem uma conduta mais agressiva que os residentes na margem sul do Tejo.

Um outro aspecto evidenciado pelo nosso estudo remete-nos para a falta de integração das comunidades étnicas, nomeadamente os oriundos dos PALOP. As crianças pertencentes às etnias africanas apresentam condutas mais agressivas que as crianças filhas de pais de nacionalidade portuguesa.

Num outro nível de análise, dois outros aspectos carecem aqui ser referenciados: o primeiro refere-se ao papel do pai como elemento socializador dessa mesma violência. Esta afirmação é suportada pelas diferenças significativamente superiores, encontradas nos testes de diferenças de médias em função da nacionalidade e da profissão de ambos os progenitores, sempre mais significativa quando considerado o pai. O segundo aspecto refere-se à forma como as crianças gerem a violência: nas raparigas assiste-se a uma internalização da violência para a família, enquanto que nos rapazes se assiste a uma tendência para a externalização dessa mesma violência, em contextos exteriores à família.

Bibliografia

Carlos Barracho
Gustave-Nicholas Fisher
José-Antônio Carochinho
Sônia Seixas
Antônio Ponces de Carvalho

- Achenbach, T. (1991). *Manual for the child behavior checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington: University of Vermont.
- Arboleda, M. (2000). Ambiente familiar y problemas de adaptación de los hijos. In A. Fontaine (Coord.), *Parceria família-escola e desenvolvimento da criança* (pp. 80-98). Porto: Porto Editora.
- Berthold, K., Hoover, J. (2000). Correlates of bullying and victimization among intermediate students in the Midwestern USA. *School Psychology International*, 21 (1), 65-78.
- Bond, L., Carlin, J., Thomas, L., Rubin, K., Patton, G. (2001). Does bullying cause emotional problems? A prospective study of young teenagers. *British Medical Journal*, 323, 480-484.
- Borg, M. (1999). The extent and nature of bullying among primary and secondary schoolchildren. *Educational Research*, 41 (2), 137-153.
- Boulton, M., Underwood, K. (1992). Bully/victim problems among middle school children. *British Journal of Educational Psychology*, 62 (1), 73-87.
- Byrne, B. (1994). *Coping with bullying in schools*. London: Cassell.
- Foreiro, R., McLellan, L., Rissel, C., Bauman, A. (1999). Bullying behavior and psychosocial health among school students in New South Wales, Australia: cross sectional survey. *British Medical Journal*, 319, 344-348.
- Matos, M., Carvalhosa, S. (2001). *Violência na escola: vítimas, provocadores e outros*. 2, 1. Faculdade de Motricidade Humana / PEPT - Saúde /GPT da CMLisboa.
- Mynard, H., Joseph, S. (2000). Development of the multidimensional peer-victimization scale. *Aggressive Behavior*, 26 (2), 169-178.
- Vale, D., Costa, M. (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Veiga, F. (2000). Violência dos jovens nas escolas em função da família. In A. Fontaine (Coord.), *Parceria família-escola e desenvolvimento da criança* (pp. 121-142). Porto: Porto Editora.